

O Processo de Individuação em uma Relação com o Sofrimento Através das Etapas e Elementos Alquímicos

GIANICE VALLE NETTO

Psicóloga Clínica Junguiana

CONTEXTUALIZANDO A ALQUIMIA

A alquimia é a arte da mistura de componentes, que vem a transformar os mesmos em matérias diferenciadas. É como uma mistura no caldeirão da transformação, resultando na harmonia perfeita. Ela possui uma meta e, como fim, a pedra filosofal, a opus alquímica.

Assim como a alquimia, a psicoterapia possui uma meta e um fim, que é o conhecimento de si mesmo, o encontro com sua riqueza (eu) interior. Cada indivíduo em processo psicoterápico está em um vaso terapêutico nesse caldeirão, regado por diversas fases da alquimia e seus elementos alquímicos, misturados com complexos, traumas, neuroses enfim, tudo proporcionando o desenvolvimento no processo terapêutico.

A alquimia trabalha a dinâmica entre psique e matéria e tem em sua base histórica a união entre o químico e o filósofo. Experiências químicas estavam no âmbito da filosofia como uma experiência segura e reconhecida. Segundo Jung (2009), era como uma filosofia mística. No fim do século XVI, inicia-se um processo de separação dos químicos e filósofos da alquimia. Parte dessa separação a ideia de que existia certa relação psíquica com as mudanças alquímicas, e vários livros passaram a abordar esses aspectos.

O alquimista, nessa brincadeira alquímica, não conseguia decifrar a natureza da matéria e ficava cada vez mais imerso na relação com o subjetivo. Assim, essa busca era como um tatear no escuro, como dizia Jung (2009 p.256) “quando investigava a matéria projetava o inconsciente na escuridão da mesma a fim de clareá-la”. Então o que ele vivia na relação com a matéria, na verdade, não era a própria, e sim o inconsciente do alquimista projetado nas operações.

Com o passar do tempo, essa ideia do obscuro pelo mais obscuro da alquimia começava a ficar incompatível com o Iluminismo. Sendo assim, filósofos e químicos separam-se e tivemos a decadência da alquimia. Mas Jung a resgata, e seus estudiosos sabem, que as fases alquímicas foram compreendidas e estudadas por ele, como relacionadas ao processo de individuação. Jung, relatado por Edinger (2006), dizia que o simbolismo alquímico é produto da psique inconsciente.

Dessa forma, temos então um simbolismo alquímico observado e constatado através das seguintes fases: *solutio*, *sublimatio*, *calcinatio*, *coagulatio*, *mortificatio* e *putrefactio*, *separatio* e *coniunctio*.

1. SOLUTIO: operação que pertence à água; transforma um sólido em líquido e esse sólido é absorvido e solvido para ocorrer tais transformações. Ego imaturo e dissolvido no inconsciente coletivo, indivíduo imerso no mundo da inconsciência sobre si, dependência psíquica que prende ao mundo materno em uma massa confusa. É também através da *solutio* que a estrutura do ego pode ser desconstruída, no sentido de que as concepções e instituídos que formam o ser acabam sendo dissolvidas e transformadas em outras formas e concepções para serem acolhidas pelo indivíduo.

2. SUBLIMATIO: operação que pertence ao ar; um sólido é aquecido e entra no estado gasoso, tomando a direção do alto. O indivíduo começa a conscientizar algum conteúdo inconsciente que estava desconhecido e passa a tornar-se de seu conhecimento. Ele pode ser atravessado por alguma situação de vida que ativa o conteúdo inconsciente, o que acaba causando uma volatilização, tornando-se ar, ou seja, levando a pessoa de maneira simbólica para a vida aérea e, muitas vezes, correndo o risco de tornar as relações com o mundo na verticalidade, distantes e sem clareza suficiente devido à distância. Simbolicamente, isso aparece em sonhos dentro de avião voando ou subindo elevadores e escadas e sempre estão fazendo relação com alguma situação em que o indivíduo não está conseguindo ver muito bem ou lidar de maneira saudável. Nesses casos, é como se a pessoa precisasse de terra, descer para a realidade e confrontar as questões que se apresentam. Assim a *sublimatio* se caracteriza por ser superior e inferior.

3. CALCINATIO: operação que pertence ao fogo; nesse processo ocorre o aquecimento de um sólido com o objetivo de volatilizar e o que fica é um pó seco. Nesse caso, existe uma substância a ser localizada para ser calcinada e, de maneira subjetiva, podemos dizer que existe um desejo ou reivindicação que precisa ser identificado no inconsciente. É preciso entrar em contato com esse conteúdo para que possa ser analisado e transformado, podendo ser um (eu quero) subentendido por uma busca de alma, em que, inconscientemente, podemos ter um ego manipulador. Então, no interior desse corpo ocorre o aquecimento que pode operar as transformações necessárias para o crescimento psíquico.

4. COAGULATIO: operação que pertence a terra; transforma as coisas em sólido através de resfriamento, dissolução em solvente e reaparecimento do sólido pela evaporação e através de reação química. Os conteúdos psíquicos se ligam ao ego através da concretude da terra, do real da terra. Os agentes de *coagulatio* analisados psicologicamente são o magnésio falando da união do que é espírito com o que é real; o chumbo, que faz referência a peso e depressão, e o enxofre, que é inflamável e está associado ao sol. Pode-se ter aí, de um lado, o sol da consciência, e do outro, o desejo inflamável do ego. O conteúdo coagulado passa pela *mortificatio* e *putrefactio*.

5. MORTIFICATIO/PUTREFACTIO: a *mortificatio* faz referência à experiência de morte e está associada ao negrume, ao que está na sombra, a derrotas e impossibilidades. O que é movido pelo ego cai nessa *nigredo* para sofrer as transformações necessárias para o aumento de consciência de si. Normalmente, não é uma escolha do indivíduo, e sim uma ordem que a vida insere para ser obedecida. Na *putrefactio* temos a decomposição daquilo que morreu depois de coagulado e um posterior renascimento, proporcionando o conhecimento de si. Poderíamos dizer então que a alma liberta pela *mortificatio* se reúne ao corpo morto e ressurge através da *albedo*.

6. SEPARATIO: separa os compostos através dos processos químicos e físicos ocorrendo divisão, volatizando, liberando vapor, destilando as substâncias. A *separatio* separa, traz oposição e proporciona a tomada de consciência desses polos. Com ela temos também uma primeira separação do estado inicial que Jung descreve como *participation mystique*, o ego único misturado em uma única massa vivendo de identificações parciais e projeções. Então, ao acontecer a *separatio* inicial, temos os duplos aspectos, sujeito e objeto, eu e o não-eu, iniciando os processos de diferenciação. Essa separação traz lucidez e também conflito, ativando o *logos* do indivíduo.

7. CONIUNCTIO: pode ser inferior ou superior. Na inferior, os opostos não estão diferenciados, e sim mais como massa única ou quase única, não separados apropriadamente, podendo causar até muita disparidade nesses opostos, sem a integração do meio termo. Nesse contexto, podemos ter uma mistura semelhante a dissolução do ego na *solutio* e a sensação de morte da *mortificatio* ou, ainda, um ego identificado com massas coletivas, ou até mesmo bem misturado no mundo *globalcyber*. A superior é o objetivo da opus. Os opostos finalmente se unem, purificados, sem termos mais a unilateralidade, e sim a justa medida. Nesse ponto, aquilo que era o foco e foi percebido como o desejo do “eu quero” do ego, acaba sendo transformado e integrado com seu devido meio termo. E o que era inicial se desfaz para dar espaço ao que é novo-velho, pois o que era antes não deixa de ser ou ter lugar, apenas se transforma e não carrega mais a energia pesada que o ego impunha.

UMA LEITURA ALQUÍMICA E A EXPRESSÃO DA PSIQUE

O ego, quando em um processo inicial de desenvolvimento, pode estar imerso na *solutio* do coletivo como uma imersão em águas profundas, água que tudo dilui e mistura como numa massa única e original. É como um não diferenciar-se do outro e não perceber-se a si mesmo como indivíduo único no mundo. Para Edinger (2006), “a *solutio* é a raiz da alquimia” sendo ela a base, vamos ao encontro da criação do mundo através dela.

De maneira figurada, podemos compreender um mundo imerso na água simbólica do coletivo quando retomamos o conceito de *globalcyber*, que é como prefiro chamar o

mundo sem limites, onde a informação via internet torna tudo possível, alcançável e permitido.

Esse mundo da imersão coletiva *globalcyber* é o sem lugar onde não há espaço para a alma das coisas e para o que é subjetivo. Tudo aí é uma massa confusa, uma massa psíquica uniforme e coletiva, dissolvida na *solutio* da alquimia. Nessa massa não haverá espaço para um elemento norteador e transformador da psique enquanto os indivíduos estiverem cada vez mais voltados para seu ego imaturo, igualando-se ao coletivo no movimento urubórico circundando seus umbigos.

Nesses exemplos de dissolução no coletivo, Edinger (2006) cita *solutio* em grupos partidários políticos e religiosos e eu acrescento torcida de times em jogos de futebol. Alguns sonhos também fazem referência a *solutio*, e é muito comum aparecerem em imagens ou cenas de imersão na água em piscina, mar etc.

Segundo Edinger (2006, p.71), “a *solutio* tem duplo efeito: provoca o desaparecimento de uma forma e o surgimento de uma nova forma regenerada”. Com isso, depreendemos que o ego é atravessado por várias vivências, dentro das quais poderíamos citar aquelas que causam amor e/ou sofrimento que, por sua essência, acabam sendo ferramentas que desconstroem instituídos e desacomodam a zona de conforto e de certezas do ego. O sofrimento retira o chão dos pés e força que o olhar se volte para seu chamado. As vivências que trazem dor acabam por fazer um alerta, mostrando que os sentimentos estão desacomodados, remexidos e trazem uma opção de aprendizado para o indivíduo. Assim, ele pode ser tocado para entrar em seu sofrimento, trabalhar, compreender e transcender, ou poderá fechar-se em sua dor, criar a carcaça protetora (ressentir) e seguir vivendo. Quando se opta por tocar e ser tocado pelo seu sofrimento, tudo que continha a pessoa provoca o aparecimento de outra forma de ver e compreender, o que muitas vezes pode ser ilustrado em sonhos com inundações, demonstrando um inconsciente querendo dissolver o que está dado pelo ego.

Também podemos nos deparar com um ego imaturo dissolvido no coletivo, misturado como massa confusa e que toma a forma negra da dissolução: *nigredo*.

Nessa *nigredo* há um aniquilamento dentro do ser que surge através da vida, no relacionar-se com o mundo, deparando-se o indivíduo com o diferente que o toca e o tira dessa posição satisfatória de completude e desacomoda seus sentimentos, ou seja, aquilo que por muitas vezes possa ter sido fundamental e essencial para um indivíduo passa a ser a vivência da experiência da morte subjetiva. Alguns instituídos, sentimentos, jogos de poder, enfim, aquilo que sustenta psiquicamente, precisa morrer para dar espaço para o novo. Assim, esse ego dissolvido é abatido e desconstruído para ser reconstruído muitas vezes pela via do sentimento de *mortificatio*.

Sendo assim, tudo que morre putrefa, e aqui podemos ter exemplo de vivências que requerem a compreensão de si mesmos passando por histórias de solidão,

impossibilidades, amores incompreendidos etc. Esse é um ponto que poderá caber bem ao feminino, trazendo nessas experiências a morte e putrefação aliada à compreensão do processo para alcançar a transformação desses conteúdos tornando-os conscientes e havendo uma reconstrução. Assim, o feminino fica mais compreendido e assimilado dentro de si, pois teremos um sentimento de corpo que morre, corpo feminino que deseja, passa pela frustração e morre.

Dessa forma, a psique vai desenvolvendo e alcançando patamares mais elevados de conscientização. Ao passar pela *nigredo* e *putrefactio*, por exemplo, entrando em contato com a simbólica das mesmas, dá sentido aos seus sentimentos de solidão e incompreensões amorosas, como já citado.

É como se o indivíduo estivesse pronto para novas etapas de crescimento psíquico, e nisso poderíamos abordar a *sublimatio*, essa elevação simbólica que um pouco já abordamos e que também pode ser relatada como expressão da psique. Na alquimia, está associada ao movimento de subida do material causado pela evaporação que transforma em ar.

A *sublimatio* também pode significar moagem, segundo Edinger (2006). O material é triturado e transformado em pó, que se eleva como o ar. Mas esse pode ser grosso ou fino. Se fino é delicado, então é bom. Se grosso é áspero e ruim. Nesse caso, de maneira simbólica, ele relata que a moagem tem uma conotação de bem e mal, o pó fino eleva, assim como o bem, e o pó grosso fica abaixo, como o mal. Mas essa moagem pode ser comparada também ao processo de *separatio*, onde é separado o sutil do denso e temos os opostos que acabam por trazer para a consciência a existência dos contrários.

Então, onde temos algum conflito sobre bem ou mal, certo ou errado, os sonhos que estejam simbolizando subidas podem estar no inconsciente fazendo referência à questão problemática da moral. Ao perceber esses contrários, o indivíduo está pronto para suas etapas de crescimento, e nesse contexto a *sublimatio* fica como uma purificação. Bem e mal como elementos inconscientes e misturados na psique acabam sendo moídos e separados, elevando o bem e o colocando no contexto do espiritual, e deixando o mal a carga da energia da vida material.

Se nesse conflito moral temos o desejo, teremos também o elemento enxofre que coagula, pois Edinger (2006) nos diz que alguns dos seus simbolismos são calor, vida e desejo, mas também é paradoxal porque possui, de um lado, esse desejo/vontade ligado à consciência (digamos que possa proporcionar o bem), e por outro, o mesmo desejo/vontade como impulso ou compulsão que possa proporcionar o mal. Sendo assim, quando a moagem ocorre através do sofrimento proporcionado pelo desejo (enxofre), por exemplo, o indivíduo poderá ver o que pertence à pureza e o que pertence à matéria e a carne. Poderá discernir o que há de bem e o que há de mal e o que é seu desejo a serviço do Self ou a serviço do ego. Tudo dentro dele sendo moído e separado, quem se é

e qual seu lugar na situação vivenciada, e a posição do outro, sendo então esse processo a *sublimatio* inferior, ou seja, depois da purificação e elevação da matéria moral através desse pó que fez a comunicação entre a terra e o céu, é necessário que aconteça uma descida do indivíduo, um voltar-se para a terra, como já citado anteriormente, e teremos então a *sublimatio* inferior, pois não se pode ficar preso ao mundo superior do contexto de bem espiritual e sim encontrar a justa medida com o peso inferior da carga/mal material.

Nesse processo de descida, temos um indivíduo olhando tudo de muito alto e correndo o risco de distorcer as informações e tornar as relações com a realidade bastante complicadas. Olhando para a vivência do real nessa vida material, ele se confronta com impossibilidades de concretizar experiências já citadas, relacionadas a desejo, questões morais, certo ou errado, bem e mal, trazendo assim a *mortificatio* - *putrefactio* do enxofre ou a calcinação do sal, por exemplo.

Na *putrefactio* do enxofre temos a *coagulatio* simbolizando o trazer para a terra. Assim, os conteúdos da psique chegam a uma justa medida, não sendo totalmente mal ou errado, nem totalmente bem ou certo. Essa é a experiência do enxofre, que coagula e traz o aprendizado juntamente com sentimentos de morte, apodrecimento e renascimento, mas, principalmente, com o indivíduo se deparando com a atual realidade em que vive e com todo o peso que tiver.

Sendo assim, nesse movimento de *sublimatio* superior e inferior com a *coagulatio* que traz pra terra da realidade, teremos a *circulatio* fazendo um fecho espiral, trazendo significados e a justa medida para as vivências daqueles que intercalam conteúdos psíquicos entre ar e terra.

Ainda sobre a expressão do desejo como exemplo de processo, temos também a calcinação. Uma frase de São Marcos diz que “todos os homens devem ser temperados com fogo, e todos os sacrifícios com sal”. Já na Grécia antiga, os deuses eram reverenciados pelo fogo, e sacrifícios animais e humanos eram realizados. Nessa combustão, o sacrificado se tornava sagrado através da fumaça entregue aos deuses. De maneira simbólica, podemos ter histórias de vida marcadas pelo sacrifício do desejo do ego, que transforma e faz alcançar níveis maiores de consciência de si mesmo, ou seja, o conteúdo psíquico imposto pelo ego e em identificação com o mesmo, acaba sendo calcinado, purgado, transformado através do sacrifício. Aquilo que calcina vira cinza branca, quando teremos então a albedo. O conteúdo psíquico que calcinou transformou-se na matéria branca e pura de uma nova concepção e entendimento do indivíduo pela sua vida e percebendo que o ego já não despende mais tanta energia sobre seu desejo. Essa cinza está associada alquimicamente ao sal, simbolizando Eros, e sob o aspecto do amargor e da sabedoria, segundo Edinger (2006). Sendo assim, podemos depreender que, se um indivíduo relaciona-se com alguma imagem que faz sentir amargor, ativa-se aí o

contato com o sal e aliando-se a isso o sacrifício do desejo/Eros que o ego contém, transformando o amargor do sal em sabedoria. Assim nos traz Jung, relatado em Edinger:

“Lágrimas, sofrimento e decepção são amargos, mas a sabedoria é o consolo de qualquer dor psíquica. Na verdade, amargor e sabedoria formam um par de alternativas: onde há amargor falta sabedoria e onde há sabedoria não pode haver amargor. O sal, na qualidade de portador dessa alternativa fatídica, é atribuído à natureza feminina.” (Edinger 2006 p. 61).

Então o sal pode estar simbolicamente na amargura, no sofrimento, no sacrifício, na frustração dos desejos que permitem a integralidade do ser que poderá se concretizar/simbolizar na criação. A experiência negativa, trazendo o amargor e sofrimento, também traz o sal da sabedoria, pois o indivíduo vive essas experiências de aprendizado e transcende no momento em que consegue voltar-se, por completo, ao que remete ao sal/amargura, a imagem que o simboliza. Assim sendo, todo o seu ser pode ser conectado com esse sentimento, trazendo a razão, fazendo sentidos e finalmente transcendendo e não ficando preso ao desejo frustrado do ego. Assim, compreende tudo como aquilo que venha para fazer conexão genuína com a alma, e a serviço do Self.

Mas, para outros indivíduos, a imagem que traz amargura também poderá ter surgido e tomado espaço na psique do mesmo, por ele ter se fixado nela. Ficando preso e fixo a essa experiência negativa, torna-se um indivíduo ressentido, amargurado, salgado.

Muitas vezes vemos pessoas que costumam dizer: como “fulana” é sem sal. Podemos observar que essas são pessoas que parecem não vivenciar, não se apropriam de experiências e vivem a passeio num mundo cor de rosa, não existe sabedoria.

Ainda sobre o sofrimento, temos que ele prepara para que Deus seja acolhido pelos indivíduos, como refere Meister Eckhart, relatado por Edinger (2006 p.195) “Deus sempre está como o homem que sofre; como ele mesmo declarou pela boca do profeta: aquele que estiver coberto de tristeza, me terá consigo”. Sendo assim, podemos relacionar essa frase à ideia de que aquele que acolhe seu sofrimento em prol da busca por compreensão de si, está operando uma relação com o eixo ego-Self/Deus, ou seja, está sendo acolhido por Deus, uma representação de um Deus interno de função psíquica transcendente, propulsionando para a individuação constante, unindo consciente e inconsciente na busca pela individuação. Assim temos a divindade no humano, a encarnação de Deus/Self como norteador da psique, que nesse caso poderá surgir através do sofrimento e ser acolhido por esse Deus interior/Self. Isso me faz pensar também no que Jung nos fala

sobre as imagens que tem força de transformação, capazes de transcender estados de psique mais arcaicos, primários, para estados de compreensão de si e diferenciação do outro. Temos nessas imagens a de Cristo, a do velho sábio, entre outras.

O apego acaba originando o sofrimento, pois o indivíduo vai ficando tomado por sua busca e se fixando na mesma; o ego vai reforçando “o querer” do indivíduo, que se liga sempre mais ao que é desejado. Esse desejado poderá ser um gerador de conflito no indivíduo, e o ego liga-se ao desequilíbrio criando o sofrimento. Por isso, é necessário escutarmos mais a alma e não os desejos do ego.

Nesse estágio de compreensão, é possível que se consiga ficar, de certa forma, *vacinado* quanto à força do desejo/apego, pois esses sentimentos acabam sendo transformados e a pessoa se torna resistente àquilo que lhe fazia sofrer inicialmente. Houve uma comunicação no eixo ego-Self que proporcionou crescimento e conhecimento de si mesmo a partir do momento em que se permitiu olhar para a realidade que a vida lhe entregava dia a dia. Sendo assim, aquilo que afetava transcende e se transforma. E sobre isso Jung relata em Edinger (2006 p.64) “que no aspecto transpessoal do nosso ser, experimentamos o afeto como fogo etéreo (Espírito Santo) e não como fogo terrestre – a dor do desejo frustrado”.

As questões sobre o bem e o mal já ficam mais em meio termo, sem trazer tanta angústia ou sofrimento, pois esses são princípios que existem a priori dentro dos seres humanos. Segundo possíveis critérios internos pautados pela compreensão de si e conforme sua comunicação no eixo ego-Self, pode-se chegar a um meio termo entre bem e mal. E sobre isso nos traz Jung (2011 p.126): “o bem e o mal são *principia* (princípios) que vem do latim *prius*, o que é anterior e existe no começo”.

Sendo assim, nesse estágio em que houve a comunicação no eixo ego-Self, temos união de opostos, a oposição bem e mal, e o certo e errado acaba atingindo uma justa medida ou “um novo ponto de vista permitindo a experiência dos opostos ao mesmo tempo”, como relata Edinger (2006 p.232). Podemos ter então a *coniunctio superior*, que pode ser simbolizada em sonhos sexuais em um contexto que faz referência maior a união positiva e transcendente dos opostos, representados pelo masculino e feminino em união. É como se, o que o indivíduo via na imagem do feminino/masculino desejado, depois de transformado e analisado como características, qualidades, defeitos, entre outros, pudesse agora ser descoberto dentro de si mesmo e passasse a existir dentro dele mesmo através da relação sexual.

Para esse discernimento, temos também como analisar frente o quesito amor. Pois aquele desejo todo que estava revestido de amor, trabalhado solvendo e coagulando na *circulatio*, foi percebido o quanto havia de alma e de posseção do ego disfarçados no amor e o quanto de realidade se tornava necessária para coagular. Assim, teremos o amor que transcende e não é egoísta, que vem para a evolução e crescimento, que é

acolhido acima de tudo dentro do si-mesmo, compreendendo todas as projeções, ficando com o que é seu e deixando ir o que é do outro e do aprendizado do outro. O conteúdo dissociado na psique desejo do corpo/amor da alma começa a ser compreendido, e assim podemos perceber que a *coniunctio* é superior; pois nesse exemplo, o ato sexual sonhado passa pela compreensão desse amor como integração e que vem agregar e deixar o um mais inteiro.

Nessa *coniunctio* superior temos um amor transpessoal com um aspecto extrovertido, que promove a unidade da raça humana e o interesse social, e no aspecto introvertido, temos a unidade com a psique individual e a conexão com o Self.

Na *coniunctio* inferior, no sonho é o ato sexual carregado de muita energia, é material e objetual, vem apenas satisfazer o desejo do ego, e que se realiza no sonho puramente compensatório, que afinal através dele tudo é possível.

UM PROCESSO EM CONCLUSÃO OU UMA CONCLUSÃO EM PROCESSO

Aqui se faz necessário uma conclusão nem tão conclusiva, mas um fecho, algo que se alinhava e se tece na psique e proporciona o sentido. Esse sentido não é o fim, pois ele abre as portas para que as novas experiências e aprendizados tenham espaço em um ser transformado e transformador. Pois essa é uma grande sacada, aquilo que foi norteador no indivíduo, que foi processado, trabalhado e sofrido dentro de si, e que é aceito genuinamente em seu ser, opera sua transformação interna trazendo a leveza da borboleta e a liberdade que retira o peso da energia do complexo que carregava o desejo. Esses são sentimentos e sensações que transformam o ser e trazem uma energia leve e transformadora para as relações com a vida e o mundo. Assim, não se transforma somente a si, transforma-se a si e ao que se vive ao redor na relação com os seres, torna-se agente transformador num efeito dominó.

O sofrimento como parte essencial desse artigo chega a uma transformação desde o momento em que ele é uma opção aceita, pois para transformar é necessário acolher a opção do sofrimento. Portanto, no meu entender, sofrimento é opção que pode ser regeneradora ou apenas vitimadora. Ou, ainda, podemos ter o sofrimento que não é acolhido e que, ao menor e sutil encontro com a pessoa, faz com que ela desvie seu caminho e seu olhar, e vista novamente a capa protetora do ressentimento.

O doce amargo do sal é regenerador, pois traz consigo a carga positiva do tempero da sabedoria, que também é transformadora, no momento em que o indivíduo se propõe a passar por esse tempero amargo e reorganizador da psique.

A vida é pura possibilidade, e cabe a cada um de nós estarmos caminhando por ela atentos a todas as experiências como possíveis caminhos psíquicos, para que assim

possamos apreender a vida. Deixar-se desconstruir não é tarefa fácil, pois o ego se encarrega sempre de ter tudo sob seu domínio como instituído e logicamente claro para o indivíduo. Apreender a vida passa por questioná-la e permitir-se ser questionado, tocar e permitir-se ser tocado por experiências, desconstruir e reconstruir entendimentos, pensamentos, sentimentos.

Para tanto, temos os processos alquímicos proporcionando esses contatos e combustões transformadoras que mexem e remexem no que está estabelecido pelo ego, tornando o que antes era um o outro dentro de si. Esse outro que nos olha e que olhamos com curiosidade, e que passa a ser nosso novo entendimento de nós mesmos, nosso aprendizado de nós mesmos quando apreendemos a vida.

Temos também nesse apreender a vida o contato com o amor. O amor que tudo transforma, e como diz aquela música, “sem amor eu nada seria”. O que antes era amor/desejo, depois de analisado, passa a ser o amor *coniunctio* que integra o dois no um, que possibilita a unidade da psique individual. Sendo assim, não se ama o objeto, ama-se o subjetivo no objeto, independente de qualquer realização ou frustração objetal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Edinger, Edward F. (2006). Anatomia da psique. 1ª ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Cultrix.

Jung, Carl G. (2011). Escritos diversos. Volume 11/6, 2ª ed. Petrópolis: Vozes.

_____. (2009). Psicologia e Alquimia. Volume XII, 4ª ed. Petrópolis: Vozes.